

Ela põe-se de pé no jardim onde estava a trabalhar e sonda o horizonte. Sentiu uma mudança no estado do tempo. Chega mais uma rajada de vento, um nó de ruído no ar, e os altos ciprestes estremecem. Ela dá meia-volta e sobe o declive em direção à casa, saltando um muro baixo, sentindo as primeiras gotas de chuva nos braços nus. Atravessa a *loggia* e entra rapidamente na casa.

Passa sem parar pela cozinha e sobe a escada, que está às escuras, continuando depois pelo longo corredor, ao fundo do qual se vê sair de uma porta aberta uma cunha de luz.

Entra no quarto, que é outro jardim — este feito de árvores e ramagens pintadas nas paredes e no teto. O homem está estendido na cama, corpo exposto à brisa, e vira devagar a cabeça ao ouvi-la entrar.

De quatro em quatro dias ela lava-lhe o corpo negro, começando pelos pés destruídos. Molha um trapo e espreme-o, derrama a água nos tornozelos do homem, erguendo os olhos ao ouvi-lo murmurar, vendo-o sorrir. É acima das canelas que as queimaduras são mais graves. Nem carne viva resta. Só osso.

Há meses que cuida dele, e conhece bem o seu corpo, o pénis adormecido como um cavalo-marinho, as ancas magras e tensas. «Umas ancas de Cristo», pensa ela. Ele é o seu santo em desespero. Está deitado de costas, sem almofada, mirando a folhagem pintada no teto, o seu dossel de ramagens, e, mais acima, o céu azul.

Ela espalha-lhe no peito, onde ele está menos queimado, onde pode tocá-lo, veios de pomada de calamina. Adora a reentrância

abaixo da última costela, penhasco forrado de pele. Ao chegar aos ombros sopra-lhe ar fresco para o pescoço, e ele balbucia.

«O quê?», pergunta ela, desconcentrando-se.

Ele vira para ela o rosto escuro, de olhos cinzentos. Ela leva a mão ao bolso. Descasca a ameixa com os dentes, retira o caroço e passa para a boca dele a polpa do fruto.

Ele murmura de novo, arrastando o coração alerta da jovem enfermeira, ali a seu lado, para onde quer que estejam os seus pensamentos, para esse poço da memória onde não parou de mergulhar nesses derradeiros meses antes de morrer.

Há histórias que o homem recita baixinho no quarto e que deslizam de plano para plano como um falcão em voo. Acorda no caramanchão pintado que o cerca com a sua chuva de flores, os seus braços de grandes árvores. Recorda piqueniques, uma mulher que lhe beijou partes do corpo agora queimadas, cor de beringela.

Passei semanas no deserto, esquecendo-me de olhar a Lua, diz ele, como um homem casado pode passar dias inteiros sem nunca olhar para o rosto da mulher. Não são pecados de omissão, mas sinais de obsessão.

Os seus olhos ficam presos no rosto da jovem. Se ela mexe a cabeça, o olhar dele segue-a até se perder na parede. Ela inclina-se para diante. «Como foi que se queimou?»

A tarde já quase chegou ao fim. As mãos dele brincam com uma ponta do lençol, afagando-a com as costas dos dedos.

Caí a arder no deserto.

Encontraram o meu corpo, fizeram-me uma padiola de ramos e arrastaram-me pelo deserto fora. Estávamos no Mar de Areia, atravessávamos de vez em quando leitos de rios secos. Nómadas, percebeis? Beduínos. O avião caiu, e até a própria areia se incendiou. Eles viram-me aparecer todo nu no areal. O capacete de couro em chamas na cabeça. Ataram-me a uma padiola, a um esqueleto de barca, e ouvi o baque surdo dos passos enquanto me transportavam a correr. Eu violara o sossego do deserto.

Os beduínos estavam acostumados ao fogo. Acostumados aos aviões que desde 1939 caíam do céu. Algumas das suas ferramentas

e utensílios eram feitos do metal dos aviões despenhados e dos tanques. Era o tempo da guerra nos céus. Sabiam reconhecer a zoadada de um avião ferido, sabiam orientar-se no meio dos escombros. Uma pequena cavilha do *cockpit* transformava-se numa joia. Eu era talvez o primeiro a sair vivo de um engenho em chamas. Um homem com a cabeça a arder. Eles não sabiam o meu nome. Eu não sabia a que tribo pertenciam.

«Quem é você?»

«Não sei. Sempre a mesma pergunta.»

«Mas disse-me que era inglês.»

À noite ele nunca está suficientemente cansado para dormir. Ela lê-lhe passagens deste ou daquele livro encontrado na biblioteca do rés do chão. A luz da vela tremula sobre a página e sobre o rosto falante da jovem enfermeira, mal revelando, a esta hora, as árvores e panoramas que decoram as paredes. Ele escuta-a, sorvendo-lhe as palavras como se fossem água.

Quando está frio, ela muda-se cautelosamente para a cama e estende-se ao lado do doente. Não pode apoiar sobre ele o menor peso, nem mesmo o do seu pulso fino, sem o magoar.

Às vezes passam as duas da manhã e ele ainda sem dormir, olhos abertos no escuro.

Sentiu o cheiro do oásis antes de o ver. O líquido no ar. O sussurro das coisas. Palmeiras e rédeas. O entrechocar das latas metálicas, cuja sonoridade grave revelava estarem cheias de água.

Derramaram óleo em grandes retalhos de pano macio e estenderam-nos sobre o seu corpo. Viu-se unguído.

Ele sentia a presença do único homem silencioso que ficava sempre a seu lado, o aroma do seu hálito quando ele se curvava para o destapar, todos os dias, ao cair da noite, e lhe examinava a pele no escuro.

Sem as roupas, tornava a ser o homem nu ao lado do avião em chamas. Estendiam sobre ele as camadas de feltro cinzento. «Que grande nação o teria encontrado?», perguntava para consigo. Que país teria inventado tão macias tâmaras para serem mascadas pelo homem a seu lado e depois passadas da boca dele para a sua? Du-

rante o tempo em que estive com essa gente, não conseguiu lembrar-se de que terra era. Até podia ser a terra do inimigo que combatera no ar.

Mais tarde, no hospital de Pisa, julgou ver a seu lado o rosto que vinha todas as noites, que mascava as tâmaras para as amolecer e lhas passava para a boca.

Não havia cor nessas noites. Nem palavras nem cânticos. Os beduínos remetiam-se ao silêncio quando ele ficava acordado. Estava na sua maca como num altar, e na sua vaidade imaginava centenas de pessoas à sua volta, quando na realidade podiam ter sido apenas dois a encontrá-lo, a tirar-lhe da cabeça o capacete de antenas de fogo. A esses dois, conhecia-os apenas pelo sabor da saliva que lhe entrava na boca juntamente com a tâmara ou pelo som dos seus pés na corrida.

Ela sentava-se e lia, com o livro iluminado pelo tremor da chama. Espreitava de quando em quando para o corredor da *villa* que havia sido um hospital de campanha, onde vivera com as outras enfermeiras antes de todas terem sido gradualmente transferidas, com o avançar da guerra para norte, a guerra já quase no fim.

Foi nessa altura da vida que ela se virou para os livros como única porta de saída da prisão. Os livros tornaram-se metade do seu mundo. Sentava-se toda curvada sobre a sua mesinha, a ler a história do rapaz que na Índia aprendeu a memorizar as diversas joias e objetos apresentados numa bandeja, empurrado de professor para professor — os que lhe ensinavam a falar em dialeto, os que lhe exercitavam a memória, os que o ensinavam a resistir à hipnose.

Tinha o livro poisado no regaço. Deu conta de que estava havia mais de cinco minutos a olhar para a porosidade do papel, para o vinco no canto da página 17 que alguém dobrara como marca. Aflorou com a mão a pele do livro. Um rebuliço no seu cérebro, como um rato a correr pelo teto ou uma traça a esvoaçar contra a janela noturna. Espreitou para o corredor, embora já ali não vivesse mais ninguém, ninguém senão ela e o doente inglês na Villa San Girolamo. Tinha no pomar bombardeado acima da casa legumes suficien-

tes para irem sobrevivendo, e vinha de vez em quando um homem da cidade com quem trocava sabão, lençóis e o mais que restava naquele hospital de campanha por outros bens essenciais. Algum feijão, alguma carne. O homem deixara-lhe duas garrafas de vinho, e todas as noites, depois de se deitar ao lado do inglês e de o adormecer, enchia cerimoniosamente um pequeno copo que levava consigo para a mesinha instalada mesmo ao pé da porta fechada a três quartos e ia beberricando enquanto avançava na leitura do livro dessa noite.

De modo que os livros, para o inglês, quer ele escutasse ou não atentamente, tinham hiatos no enredo como troços de estrada levados pelo temporal, peripécias em falta, como se gafanhotos tivessem roído um bocado de tapeçaria, como se o estuque descolado pelos bombardeamentos tivesse caído de um dos murais durante a noite.

A *villa* onde ela e o inglês agora moravam também era assim. Não se podia entrar em certas divisões por causa do entulho. Uma cratera de bomba deixava penetrar o luar e a chuva na biblioteca do rés do chão — onde havia, ao canto, uma poltrona permanentemente ensopada.

Ela não se preocupava com o inglês no que diz respeito às lacunas do enredo. Não lhe resumia os capítulos em falta. Pegava simplesmente no livro e dizia «página 96», ou «página 111». Era esse o único ponto de referência. Levava à cara as duas mãos dele, para as cheirar — ainda as sentia imbuídas do odor da doença.

«As tuas mãos estão a ficar ásperas», dizia ele.

«É das ervas daninhas, dos cardos, de cavar a terra.»

«Tem cuidado. Eu já te disse que era perigoso.»

«Bem sei.»

Então ela começava a ler.

O pai ensinara-lhe tudo sobre mãos. Sobre patas de cão. Sempre que o pai se apanhava sozinho em casa com um cão, inclinava-se para lhe cheirar a pele da base das patas. Isto, dizia, como se acabasse de levar ao nariz um balão de aguardente velha, é o melhor cheiro do mundo! Que aroma! Ecos de grandes viagens! Ela fingia-se enojada, mas a pata do cão era de facto uma maravilha: o seu cheiro nunca evocava a ideia de sujidade. «É uma catedral!», dizia o pai, o jardim de fulano, aquele prado, um passeio pelo meio dos cíclames